

**O TESTEMUNHO E A HISTÓRIA: UM OLHAR PARA A
SUBJETIVIDADE E PARA A RESISTÊNCIA****TESTIMONY AND HISTORY: A LOOK AT SUBJECTIVITY AND
RESISTANCE**

Helano Jader Cavalcante Ribeiro
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

Jehnifer Penning
Universidade de Pelotas – UFPEL

Resumo: O presente estudo pretende discutir questões em torno do testemunho da Segunda Guerra Mundial. A partir do nosso objeto de estudo, o romance do gaúcho Michel Laub, publicado em 2011 e intitulado *Diário da Queda*, iremos discutir tal proposta. Como teoria, sobretudo, buscamos respaldo nos estudos de Giorgio Agamben (2009), Beatriz Sarlo (2007), Paul Ricoeur (2007), Theodor W. Adorno (1995), Georges Didi-Hubermann (2011) e Dominick Lacapra (2009). Com a metodologia da Literatura Comparada, iremos cotejar teorias e obra literária a fim de chegarmos às considerações desejadas a respeito da importância do testemunho para a memória, reconhecendo também a relevância de estudá-lo, uma vez que pode suscitar a empatia, a afetividade.

Palavras-chave: Testemunho; Segunda Guerra Mundial; Passado; Presente.

Abstract: The present study aims to discuss issues surrounding the testimony of World War II. From our study object, the novel of the gaucho Michel Laub, published in 2011 and titled *Diário da Caude*, we will discuss such proposal. As a theory, above all, we seek support in the studies of Giorgio Agamben (2009), Beatriz Sarlo (2007), Paul Ricoeur (2007), Theodor W. Adorno (1995), Georges Didi-Hubermann (2011) and Dominick Lacapra (2009). With the methodology of Comparative Literature, we will compare theories and literary work in order to arrive at the desired considerations regarding the importance of the testimony to the memory, recognizing also the relevance of studying it, since it can arouse empathy and affectivity.

Keywords: Testimony; Second World War; Past; Present.

É correto afirmar que cresce, nos últimos anos, o interesse em conhecer os fatos históricos, ou o passado, com apelo à memória. Muitos pensadores também investiram suas pesquisas nesse âmbito. Citemos um, que é bastante

conhecido: Paul Ricoeur e o seu livro *A memória, a história, o esquecimento* (2007). Ele vai dizer que a memória é a melhor maneira de remeter ao passado, ou, em suas palavras, “não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela”¹.

O teórico também vai dizer que nos lembramos das coisas por algum motivo especial; a memória não apenas aparece, sem uma necessidade para tanto. “Ora, coisas e pessoas não aparecem somente, elas reaparecem como sendo as mesmas; e é de acordo com essa mesmice de reaparecimento que nos lembramos delas”². Assim, também em determinados momentos lembramo-nos de outros que fazem parte da história, porque, de algum modo, eles se assemelham. E é por essa semelhança que devemos dar a eles uma atenção especial.

Desse modo, falar do passado é falar também do presente. Citando a argentina Beatriz Sarlo em seu livro *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, dizemos que “em condições subjetivas e políticas ‘normais’, o passado sempre chega ao presente”³. Ela vai chamar de guinada subjetiva esse novo olhar que tem se direcionado às minorias, isto é, em vez de procurar na história acadêmica, procura-se relatos de testemunhos e, para estender um pouco mais, de pessoas que foram chamadas de loucas, de bruxas, ou camponeses. Tudo isso com a intenção de buscar um detalhe excepcional, como diz Sarlo, em vista de imposições de poder ou materialismo histórico. Como fala a autora,

os *novos* sujeitos do *novo* passado são esses “caçadores furtivos” que podem fazer da necessidade virtude, que modificam sem espalhafato e com astúcia suas condições de vida, cujas práticas são mais independentes do que pensaram as teorias da ideologia, da hegemonia e das condições materiais, inspiradas nos distintos marxismos.⁴

¹ RICOEUR, 2007, p. 40.

² RICOEUR, 2007, p. 42.

³ SARLO, 2007, p. 10.

⁴ SARLO, 2007, p. 16.

Prosseguindo, “o passado volta como quadro de costumes em que se valorizam os detalhes, as originalidades, a exceção à regra, as curiosidades que já não se encontram no presente”⁵. Concordando com Sarlo, vemos também em Lacapra (2009) que pensar na memória e história a partir de um testemunho proporciona uma visão particular dos acontecimentos, levando-se em conta que o testemunho está carregado de subjetividades e a visão da história queda mais objetiva.

Isso posto, escolhemos para objeto de análise o romance *Diário da Queda*, de Michel Laub. O narrador, em 1ª pessoa, escreve em formato de diário sobre os acontecimentos das duas gerações anteriores a sua, posto que precisa resolver conflitos pessoais. Assim, também presenciamos o trauma na narrativa, bem como o estereótipo da vítima e o medo do esquecimento. Ele, que nos conta a história, é neto de um ex-prisioneiro de Auschwitz que, ao chegar no Brasil, não comenta nada sobre a vida anterior. Nesse livro, percebemos que o narrador reconhece terem os testemunhos um papel importante para capturar esse passado, conforme diz:

antes de *É isto um homem?*, não se sabia que botaram uma placa na entrada de Auschwitz, ao lado de uma torneira: *não beber, água poluída*. O regulamento proibia dormir de casaco, ou sem ceroulas, ou sair do bloco com a gola levantada, ou deixar de tomar ducha nos dias marcados. (...) Primo Levi diz que em Auschwitz a morte começa pelos sapatos, e fico imaginando se ele estava se referindo apenas ao tempo no campo ou às décadas depois de calçar o par que conseguiu pegar naqueles cinco segundos decisivos⁶.

Certamente, os detalhes acima descritos têm muito mais chance de aparecerem em relatos de testemunhos. Por isso, consoante Lacapra (2009), sabemos que tais narrativas são, até mesmo por serem mais inusitadas, capazes de suscitar no interlocutor/leitor emoções podendo esse, inclusive, dar uma resposta afetiva ao narrador e sua história, isto é, quem escuta ou lê o relato pode se sentir tocado e despertar a empatia, por exemplo.

⁵ SARLO, 2007, p. 17.

⁶ LAUB, 2011, p. 76-7.

Pensaremos, então, em como podemos conceituar testemunha. Com base em Giorgio Agambem, em “O que resta de Auschwitz” (2009), dizemos que

em latim, há dois termos para representar a testemunha. O primeiro, *testis*, de que deriva o nosso termo significa etimologicamente aquele que se põe como terceiro (**terstis*) em um processo ou em um litígio entre dois contendores. O segundo, *superstes*, indica aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunho disso.⁷

Para dar um exemplo de testemunho, Agambem (2009) cita Primo Levi, que escreveu livros relatando a vida no *Lager*⁸. Levi, para o citado pesquisador, é, “em todos os sentidos, um *superstite*⁹”. Porém, “em última análise, não é o julgamento que lhe importa – menos ainda o perdão. (...) Aliás, parece que lhe interessa apenas o que torna impossível o julgamento”.¹⁰ De acordo com o teórico, é exatamente a respeito disso que os sobreviventes acordam: “vítima e carrasco são igualmente ignóbeis; a lição dos campos é a fraternidade da abjeção”.¹¹

A propósito, a ideia de um julgamento é encarada pelos sobreviventes como algo equivocado, posto que dá a ideia de que o problema está *sendo* resolvido ou já o está completamente. Citemos os processos de Nuremberg e o famoso episódio de Jerusalém, que terminou com o enforcamento de Eichmann: “As sentenças tinham sido dadas por julgadas, e as provas da culpa estavam definitivamente estabelecidas”.¹² No entanto, pensar dessa maneira reforça o pensamento de que Auschwitz e os demais campos de concentração já constituem um assunto encerrado. Portanto, frente à impossibilidade de uma resolução, a pretensão do testemunho é narrar sobre o que lhe aconteceu.

Conforme o mesmo teórico, temos mais uma explicação para o termo testemunha. “No grego, testemunha é *martis*, mártir. Os primeiros padres da Igreja derivaram daí o termo *martirium*, a fim de indicar a morte dos cristãos

⁷ AGAMBEN, 2008, p. 27.

⁸ Em alemão, campo de concentração.

⁹ Sobrevivente.

¹⁰ AGAMBEN, 2008, p. 27.

¹¹ LEVI, *apud* AGAMBEN, 2008, p. 27.

¹² AGAMBEN, 2008, p. 29.

perseguidos que, assim, davam testemunho de sua fé”. Mas o filósofo adverte: “o que aconteceu nos campos pouco tem que ver com o martírio”¹³. Falar sobre os prisioneiros de guerra chamando-os de mártires modifica seu destino.¹⁴

Porém, há alguma semelhança entre o significado do termo mártir e os condenados ao *Lager*. “Diz respeito ao próprio termo grego, que deriva de um verbo que significa “recordar”. O sobrevivente tem a vocação da memória, não pode deixar de recordar”.¹⁵ Primo Levi também reconheceu essa sentença, isto é, compartilhou da ideia de que aquele que sobreviveu possui a necessidade de contar o que vivenciou:

As recordações do meu cativeiro estão muito mais vivas e detalhadas **do que qualquer outra coisa que aconteceu antes ou depois**. Conservo uma memória visual e acústica das experiências de lá que não consigo explicar [...] **Por algum motivo que não conheço, aconteceu-me algo de anômalo, diria quase uma preparação inconsciente para testemunhar**. [grifo nosso].¹⁶

Essa linha demarcadora entre o que aconteceu antes e depois da vida nos campos de concentração, sempre reconhecendo que a lembrança do *Lager* sobressai-se a qualquer outra experiência, também aparece em *Diário da Queda* (2011), como *um dado que resumiria sua biografia*. Ainda, o fato de que a personagem fora um prisioneiro dos campos tornou-se o único dado que contasse sobre sua vida delimitando, assim, as possibilidades de ser mais do que isso. O que se sabe dos pensamentos do avô é o que ele deixa registrado em dezesseis cadernos, os quais apenas foram descobertos após o suicídio. Porém, como mencionado em outro momento, nesses cadernos não se sabe nada a respeito da vida dele antes de imigrar para o Brasil:

Nos cadernos de meu avô¹⁷ não há qualquer menção a essa viagem. (...) sem chance de figurar em nenhuma lembrança além de uma estatística – um dado que resumiria sua biografia,

¹³ AGAMBEN, 2008, p. 35.

¹⁴ BETTELHEIM, *apud* AGAMBEN, 2008, p. 35.

¹⁵ AGAMBEN, 2008, p. 36.

¹⁶ LEVI, *apud* AGAMBEN, 2008, p. 36.

¹⁷ O avô deixou dezesseis cadernos com uma escrita extremamente sistematizada sobre como o mundo deveria ser.

engolindo qualquer referência ao lugar onde foi criado e à escola onde estudou e a todos esses detalhes acontecidos no intervalo entre o nascimento e a idade em que teve um número tatuado no braço.¹⁸

Conforme Lacapra (2009), principalmente para as vítimas, “o trauma produz um lapso ou ruptura na memória que interrompe a continuidade com o passado, colocando a própria identidade em questão a ponto de sacudi-la”¹⁹. Em outras palavras, é a partir da ruptura com o passado que o trauma põe em questão a própria identidade. Márcio Seligmann-Silva (2000) reconhece que a vivência no campo toma uma dimensão que, de certa forma, paralisa a vida da vítima, e “tendencialmente apaga tudo o que ocorreu antes e, retrospectivamente, tudo o que veio a ocorrer depois”.²⁰

Na narrativa, temos o avô que anulou o seu passado; Auschwitz parecia ser ainda a única realidade possível no presente, seja em sua forma inconsciente da ordem do recalque, seja na mudez que lhe era característica (e com isso, sinal de um trauma que se revelava pela ausência de comunicabilidade de experiência). Esse trauma, para ele, transformou-se em um muro intransponível e evidenciou a incapacidade de ultrapassar a barreira que impôs o acontecimento traumático. “E resta apenas um tipo de lembrança que vem e volta e pode ser uma prisão ainda pior que aquela onde você esteve”.²¹

Agamben (2008) afirma que “justificar a própria sobrevivência não é fácil, menos ainda no campo. Além disso, alguns sobreviventes preferem ficar em silêncio.”²² Se o mundo real significava para o avô o trauma, o mundo idealizado pela personagem tornou-se o real, e em seus escritos, o avô demonstrava os seus desejos surreais. O narrador da obra concorda com o avô, salientando que ele igualmente não falaria desse tema, posto compreender que rememorar Auschwitz não é uma tarefa fácil:

¹⁸ LAUB, 2011, p. 8-9.

¹⁹ Tradução nossa: “(...) el trauma produce un *lapsus* o ruptura en la memoria que interrumpe la continuidad con el pasado, poniendo de este modo **en cuestión la identidad al punto de llegar a sacudirla**”. LACAPRA, 2009, p. 22, grifo nosso.

²⁰ SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 93.

²¹ LAUB, 2011, p. 8.

²² AGAMBEN, 2008, p. 26.

Eu também não gostaria de falar desse tema. Se há uma coisa que o mundo não precisa é ouvir minhas considerações a respeito. O cinema já se encarregou disso. Os livros já se encarregaram disso. As testemunhas já narraram isso detalhe por detalhe. (...) **então nem por um segundo me ocorreria repetir essas ideias se elas não fossem, em algum ponto, essenciais para que eu possa também falar do meu avô, e por consequência do meu pai, e por consequência de mim.** [grifo nosso].²³

Vemos, a partir do excerto citado, que o narrador percebe que é preciso voltar a essa história emudecida, para compreender o próprio comportamento do pai, bem como o seu. Assim, também compreendemos em uma esfera social: precisamos voltar a debater o que não fora por completo esclarecido na história, como a Segunda Guerra, por exemplo. Na narrativa, o avô que não mencionou o passado, não aludiu ao futuro, fez da sua vida um imediatismo: sua vida era o agora e seus desejos para esse *agora* eram extremamente sistematizados.

Posto que o que é negado não desaparece, e inclusive volta de maneiras diferentes, a tentativa do avô de *esquecer-se* do passado fez com que novos problemas surgissem para a família: seu filho teve de lidar com o trauma de perder o pai aos catorze anos e seu neto teve de vivenciar o comportamento traumático do pai, o que o influenciou também e desencadeou outros problemas, como o alcoolismo.

Dizemos que o pai do narrador, não conseguindo desvencilhar-se do peso que lhe representava ser filho de um ex-prisioneiro de guerra e, não sabendo nada concreto a respeito dos verdadeiros acontecimentos transcorridos, dedica-se a estudar o material disponível sobre a *Shoah* em busca de respostas. No entanto, esse *lapsus* deixado pelo seu pai acabou por deixá-lo neurótico, afirmando a história do nazismo, do antissemitismo e dos judeus todos os dias:

Ao contrário da minha avó, meu pai falava pouco sobre banalidades da vida do meu avô. Talvez porque ele tenha

²³ LAUB, 2011, p. 9.

Dossiê Literatura e Afeto

v. 18, nº 2, 2018. ISSN: 2179-6793

morrido quando meu pai tinha catorze anos, e a partir daí não havia sentido em lembrar se o meu avô chegava cedo ao trabalho, se era simpático aos clientes, se tratava bem os funcionários, se gostava do que fez por dez ou doze horas diárias até se aposentar e passar o resto dos dias em casa, trancado no escritório, e se nesse tempo todo ele fez alguma consideração sobre a casa onde eles moravam, a cidade, o país, sobre qualquer coisa que tivesse visto e vivido, qualquer experiência que tirasse dele o rótulo presente em qualquer conversa que meu pai tivesse a respeito, o homem que sobreviveu ao nazismo, à guerra, a Auschwitz.²⁴

O *rótulo* do sobrevivente é dado na narrativa, principalmente, de modo que só é possível enxergar esses judeus como vítimas, *apenas* como vítimas. “É mais fácil culpar Auschwitz”,²⁵ e esquecer que além de tudo o avô era um ser humano passível de ser julgado e admirado como qualquer outro, simplesmente por ser o que era e não por ter sobrevivido ao *Lager*. Portanto, compreendemos que

(...) é mais fácil culpar Auschwitz do que aceitar o que aconteceu com o meu avô. É mais fácil culpar Auschwitz do que se entregar a um exercício penoso, que qualquer criança na situação do meu pai faria: enxergar meu avô não como vítima, não como um grão de areia submetido à história, o que automaticamente torna meu pai outro grão de areia diante dessa história, e não há nada mais fácil do que sentir até orgulho por esse grão, aquele que sobreviveu ao inferno e está entre nós para contar o que viu, (...) – enxergar meu avô não como vítima, mas como homem e marido e pai, que deve ser julgado como qualquer outro homem e marido e pai.²⁶

É a respeito dessa redução extrema à vítima que o trauma se funda, nesse caso. Os sobreviventes dos campos de concentração, via de regra, ao retornarem, não encontravam a vida que possuíam antes da guerra; encontravam, sim, o rótulo de vítima, e é como se jamais pudessem desvencilhar-se desse estereótipo. O narrador de *Diário da Queda* também percebe em Primo Levi a dificuldade de continuar vivendo pós-Auschwitz. Como visto em outro trecho da narrativa, o começo da luta nos campos se

²⁴ LAUB, 2011, p. 26.

²⁵ LAUB, 2011, p. 81.

²⁶ LAUB, 2011, p. 81.

dava pela escolha do sapato, o que poderia fazer muita diferença nos dias posteriores. O narrador pensa nesse fato também como algo metafórico e se questiona se seria nessa busca pelo calçado (também começo da prisão) que Levi estaria pensando no dia em que caiu da escada:

Primo Levi morreu aos sessenta e oito anos, em Turim, Itália, depois de ter escrito treze livros, boa parte sobre o Holocausto, e ter sido traduzido em várias línguas, e ter retomado sua carreira de químico, e casar e ter filhos, e receber prêmios e virar uma celebridade literária na Europa e no mundo, e fico imaginando se era nesta escolha, um número maior que o pé, um número menor, talvez o número exato por uma sorte invejável entre o milhão e meio de prisioneiros que passaram pelo campo, que ele estava pensando quando abriu a porta do apartamento e caminhou até a escada e nela caiu numa ocorrência que quase nenhum de seus biógrafos julga ter sido acidental.²⁷

O suicídio acaba sendo a escolha de muitos dos sobreviventes ao nazismo. As lembranças do cativo, como disse Levi, são as que continuam presentes, ainda que se busque esquecê-las. Outrossim, era muito difícil transpor em palavras o sistema a que foram submetidos. Evidentemente, foi por esse motivo que muitos dos sobreviventes não contaram a respeito dos campos. Seligmann-Silva citou Jorge Semprun, dizendo: “não que a experiência vivida seja indizível; ela foi *invivível* [invivable]”.²⁸ Perante isso, há a alternativa de calar-se, como o avô da obra em questão que, chegando ao Brasil, tentou começar sua vida novamente, porém sem falar do seu passado traumático. Esse emudecimento foi responsável pelos futuros traumas das próximas gerações daquela família.

Porém Agamben (2009) vai nos falar sobre a importância de não deixarmos silenciado o que aconteceu em Auschwitz e nos demais campos. Ele lembra de um artigo que escreveu a respeito dos campos de concentração, mencionando que recebeu uma crítica sobre o assunto que escolhera. A reprovação ao artigo, da parte do crítico, se deu pelo fato de Agamben ter

²⁷ LAUB, 2011, p. 77.

²⁸ SEMPRUN, *apud* SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 83.

arruinado o “caráter único e indizível de Auschwitz”. Certamente o teórico italiano reconhece que sim, foi único o fenômeno dos campos²⁹, entretanto ele se questiona: “mas por que indizível? Por que atribuir ao extermínio o prestígio da mística?”³⁰

Não podemos elevar o que aconteceu na Segunda Guerra ao eufemismo³¹. É preciso debater esse assunto, para evitar que ele se traduza em *euphemein*, termo grego que significa “adorar em silêncio”. Dessa mesma palavra, surgiu o significado “observar o silêncio religioso” e de onde, igualmente, derivou a palavra eufemismo.³² Isso posto, a partir de tais explicações podemos evidenciar a importância do testemunho como recurso para não deixar calado um passado atroz.

Como o avô da narrativa deixou muda sua história, o pai do narrador recupera esse passado, sobretudo com medo do esquecimento. Assim, percebe-se na narrativa que ele acreditava terem os judeus sobreviventes da guerra ou, nesse caso, suas futuras gerações, uma *missão* após o que vivenciaram: contar e levar adiante a grande desumanidade a que foram submetidos, no intuito de jamais deixar que se esquecesse o que o povo descendente dos hebreus passou.

Se a humanidade em geral não sente medo pelo que pode tornar a acontecer, vemos, por isso mesmo, aqueles que sentiram na pele ou os que sabem que seus antepassados tenham sentido, esforçando-se em discutir o que o regime nazista causou. “Uma das razões para o recente interesse em testemunhos tem a ver com a idade avançada dos sobreviventes e a sensação

²⁹ “Até o momento em que escrevo, e não obstante o horror de Hiroshima e Nagasaki, da vergonha dos Gulags, a inútil e sangrenta campanha do Vietnã, o autogenocídio cambojano, os desaparecidos da Argentina, e as muitas guerras atroz e estúpidas a que em seguida assistimos, o sistema concentracionário nazista permanece sendo um *unicum*, em termos quantitativos e qualitativos”. LEVI, *apud* AGAMBEN, 2008, p. 41.

³⁰ AGAMBEN, 2008, p. 41.

³¹ Palavra, locução ou acepção mais agradável, de que se lança mão para suavizar ou minimizar o peso conotador de outra palavra, locução ou acepção menos agradável, mais grosseira ou mesmo tabuística.

³² AGAMBEN, 2008, p. 41.

de que o tempo é escasso antes que a memória do Holocausto, (...) seja coisa do passado”³³.

Diante do medo do esquecimento, de um determinado tempo para atualidade, conforme lembra Lacapra (2009), vem crescendo o número de testemunhos da Segunda Guerra e, proporcionalmente, têm aumentado por parte dos historiadores o interesse por esses testemunhos. “E testemunhar – especialmente os testemunhos baseados na memória – tornou-se uma maneira privilegiada de acessar o passado e suas circunstâncias traumáticas”.³⁴

Até aqui, elencamos duas considerações. A primeira é que é notável a preocupação de parte dos sobreviventes do *Hitlerzeit*³⁵, como diz Lacapra (2009), quererem deixar sua história como legado para a posteridade. A segunda é que, para os historiadores, acessar a história por parte dos testemunhos possibilita uma visão particular de determinado acontecimento, posto que, por serem subjetivos, os testemunhos trarão, cada um, alguma novidade. Desse modo, reconhecemos que “o testemunho é uma fonte fundamental para a história”³⁶.

Poderíamos citar igualmente, com base no teórico em questão, mais um motivo para o interesse em retomar o passado, por parte dos testemunhos, o qual surge por conta dos negacionistas e os revisionistas que “atacam a validade dessas memórias e negam ou normalizam as abominações de *Hitlerzeit*, entre as quais, é claro, o Holocausto”³⁷.

Uma das forças por trás da virada para a memória é a ameaça representada pela negação e pelos desejos e demandas que ela satisfaz, uma ameaça que parece ainda mais perigosa na

³³ Tradução nossa: “Uno de los motivos del reciente interés por los testimonios tiene que ver con la avanzada edad de los sobrevivientes y la sensación de que el tiempo es escaso antes que la memoria del holocausto (...) sea cosa del pasado”. LACAPRA, 2009, p. 24-5.

³⁴ Tradução nossa: “Y testimoniar – sobre todo los testimonios basados en el recuerdo – se ha transformado en un modo privilegiado de acceder al pasado y a sus traumáticas circunstancias”. LACAPRA, 2009, p. 24-25.

³⁵ Tempo de Hitler.

³⁶ Tradução nossa: “El testimonio es una fuente fundamental para la historia”. LACAPRA, 2009, p. 25.

³⁷ Tradução nossa: “atacan la validez de esos recuerdos y negan o normalizan las abominaciones del *Hitlerzeit*, entre las cuais es por supuesto el Holocausto”. LACAPRA, 2009, p. 25.

Theodor W. Adorno também reconhece a presença da negação, ou talvez diminuição do que aconteceu no *Lager*, “por mais difícil que seja compreender”. Ele também atenta para o fato de como é fácil tentar minimizar o ocorrido, justificando que não foram tantos os que morreram, ou que não aconteceu da maneira que tem se contado. “A idiotice de tudo isto constitui efetivamente sinal de algo que não foi trabalhado psicologicamente, de uma ferida, embora a ideia de ferida coubesse muito mais em relação às vítimas”.³⁹

Entendemos que o que aconteceu no totalitarismo de Hitler não foi trabalhado corretamente na atualidade. Assim, “o terrível passado real é convertido em algo **inocente** que existe meramente na imaginação daqueles que se sentem afetados desta forma”.⁴⁰ É muito simples para aqueles que não se percebem envolvidos na história do nazismo deixarem de lado o que foi aquela época. Porém os que sabem do que realmente se trata não se calam frente à ditadura. Milena Hoffmann Kunrath, em sua tese de doutorado, também explana um pouco sobre esse assunto. Para ela,

no âmbito social, embora pareça que exista um distanciamento crítico suficiente para conversar abertamente sobre o tema da Segunda Guerra Mundial, depois de mais de setenta anos de seu término, as lembranças ainda afetam se não os participantes originais, como ocorria até alguns anos atrás, seus familiares e seu legado.⁴¹

Ainda existe uma centelha preocupada em manter viva a memória da Segunda Grande Guerra. Quanto a *Diário da Queda* (2011), também vemos o narrador preocupado com a suavização que se dedicava aos acontecimentos da Alemanha da Segunda Guerra:

³⁸ Tradução nossa. Texto original: “Una de las fuerzas por detrás del giro a la memoria es la amenaza planteada por el negacionismo y por los deseos y demandas a las que satisface, una amenaza que asoma aún más peligrosa en la medida en que los sobrevivientes con memoria directa de los acontecimientos van abandonando la escena histórica”. LACAPRA, 2009, p. 25.

³⁹ ADORNO, 1995, p. 31.

⁴⁰ ADORNO, 1995, p. 32.

⁴¹ KUNRATH, 2016, p. 44.

Dossiê Literatura e Afeto

v. 18, nº 2, 2018. ISSN: 2179-6793

Basta entrar na internet para ler que os cinquenta e dois fornos existentes em Auschwitz não teriam capacidade de queimar quatro mil setecentos e cinquenta e seis cadáveres por dia, média necessária para se chegar ao número total de mortos das estatísticas oficiais. Há inúmeros textos sobre a impossibilidade de funcionamento das câmaras, por causa da dispersão do gás liberado pelas partículas de ácido cianídrico e da dificuldade de colocar tanta gente no interior de um compartimento desses sem despertar suspeita. (...) Basta um clique, e lá está escrito que não há fotos ou plantas arquitetônicas das câmaras. Que não havia razão para matar prisioneiros que estavam trabalhando para os alemães.⁴²

No entanto, nosso narrador-personagem diz que não faz diferença se Auschwitz matou um milhão ou apenas um indivíduo, o fato de ter existido um local legal, isto é, previsto na lei para isso, já é preocupante e atroz.

É comprovado que existem estudos negando muitas práticas dos campos. O fato de estarem se extinguindo as testemunhas diretamente ligadas à Segunda Guerra, consoante Lacapra, faz com que haja ainda mais preocupações a respeito do negacionismo. Reconhece-se, com ênfase, a importância do relato do testemunho, mantendo vivo o passado, o que também podemos chamar de resistência.

Chegando ao fim da proposta para este trabalho, falemos de Georges Didi-Huberman, em *Sobrevivência dos vaga-lumes* (2011). Nesse livro, o intelectual francês discute sobre os vaga-lumes, dizendo que é cada vez mais difícil encontrá-los na modernidade, cheia de holofotes. Nas palavras de Didi-Huberman,

é somente aos nossos olhos que eles “desaparecem pura e simplesmente”. Seria bem mais justo dizer que eles “se vão”, pura e simplesmente. Que eles “desaparecem” apenas na medida em que o espectador renuncia a segui-los. Eles desaparecem de sua vista porque o espectador fica no seu lugar que não é mais o melhor lugar para vê-los.⁴³

Podemos relacionar os vaga-lumes com o testemunho. Eles são difíceis de ver, eles, os vaga-lumes, não brilham o tempo todo, sem parar. Mas, na

⁴² LAUB, 2011, p. 106-7.

⁴³ DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 47.

escuridão, emitem pequenas luzinhas, iluminando o escuro. Assim falemos das testemunhas; elas não falam o tempo todo de seu passado, porém estão atentas e resistentes, para aclarar a escuridão se for preciso.

A vida do avô só saiu do silêncio porque seu filho e neto falaram a respeito. Foi essa retomada de seus antepassados que fez com que eles prosseguissem e dessem a direção mais elucidada para suas vidas. Nesse sentido, o passado só volta se relampejado no presente; do mesmo modo a história só volta se dermos vez para ela hoje. Concordando com Adorno (1995), e igualmente cooperando com a metáfora dos vaga-lumes, não é preciso falar em Auschwitz todos os dias, mas momentos de iluminações são necessários, sempre.

Considerações finais

Os que sobreviveram ao nazismo sentiram necessidade de falar, de explicar seu passado. Para Seligmann-Silva (2008), em seu artigo intitulado “Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas”, o testemunho “se apresenta como condição de sobrevivência”⁴⁴. “Narrar o trauma”⁴⁵, portanto, tem em seu primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer”⁴⁶.

Afirmamos a contribuição do testemunho para a memória. Ainda pudemos chegar ao entendimento, à percepção de que deixar o passado emudecido só contribui para atribuir um caráter “intacto” a Auschwitz. É preciso debater, sim, o assunto da Segunda Guerra, a fim de tentar compreender o que aconteceu e desmitificar a história. É importante recuperarmos esses testemunhos. Outrossim, encontramos nas testemunhas uma maneira particular de narrar os fatos, o que também possibilita o olhar de quem recupera esses testemunhos frente à importância da memória.

⁴⁴ SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66.

⁴⁵ Há muitas teorias para explicar o trauma, porém ela funda-se nos estudos de Sigmund Freud. Para explicar esse termo, utilizamos a citação de Seligmann-Silva (2008) dizendo que, “mais especificamente, o trauma é caracterizado por ser uma **memória de um passado que não passa**”. SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69, grifo nosso.

⁴⁶ SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69.

Na narrativa em questão, o avô, ex-prisioneiro de Auschwitz, não fala de seu passado. Todavia, seu filho e seu neto, este ainda que em parte, retomam sua história, buscam explicações para seu modo de ver a vida, sobretudo por entenderem que as gerações estão interligadas, isto é, uma influencia a outra. A partir do momento em que esclareceram o passado da família, puderam superar seus traumas e dar continuidade às suas vidas.

Também vemos que na história geral tudo está interligado. Retomar essa história significa que estamos buscando perceber os motivos de em cada acontecimento. Theodor W. Adorno defende que “tudo dependerá do modo pelo qual o passado será referido no presente”⁴⁷. Precisamos, hoje, buscar compreensão desse pretérito a que remetem essas testemunhas. Esse esclarecimento no sentido mesmo da *Aufklärung*, como diz-nos Adorno, é o que fará com que as crueldades do passado não voltem a acontecer na atualidade. Os vaga-lumes são a metáfora da pequena luz, mas que ainda assim se mostra como resistência contra a luz devoradora da razão instrumental.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha** (Homo Sacer III). Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

BETTELHEIM, Bruno. **Sobrevivência e outros estudos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editore UFMG, 2011.

KUNRATH, Milena Hoffmann. **Memória e/ou invenção: visões da Segunda Guerra Mundial por três escritores-soldados**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS. Porto Alegre, 2016.

LACAPRA, Dominick. **Historia y memoria después de Auschwitz**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

LAUB, Michel. **Diário da Queda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LEVI, Primo. **Conversazioni e interviste**. Tourino: Einaudi, 1997.

⁴⁷ ADORNO, 1995, p. 46.

RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: **Catástrofe e representação**: ensaios. NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). São Paulo: Escuta, 2000. p. 73-98.

SEPRUN, Jorge. **L'écriture ou la vie**. Paris: Gallimard, 1994 *apud* SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: **Catástrofe e representação**: ensaios. NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). São Paulo: Escuta, 2000. p. 73-98.

Helano Jader Cavalcante Ribeiro possui licenciatura em Letras Português/Alemão pela Universidade Federal do Ceará (2005), mestrado (2011) e doutorado (2015) pela Universidade Federal de Santa Catarina, em Teoria da Literatura. Trabalhou de 2006 a 2008 como professor leitor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Universidade de Colônia (Alemanha). Desenvolve trabalhos de literatura [e discursos totalitários] e teoria crítica dentro das temáticas literatura e ética, biopolítica, otobiografias, otificções e Walter Benjamin. Trabalha como professor adjunto na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) de Língua Alemã, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Letras.

Jehniifer Penning possui licenciatura em Letras Português e suas respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Pelotas (2017) e é mestranda em Literatura Comparada pela mesma universidade. Trabalhou, nos anos de 2017 e 2018, no Ensino Básico Fundamental como Professora Substituta de Língua Portuguesa. Desenvolve pesquisas na área da Literatura, sobretudo a respeito das ruínas da Segunda Guerra Mundial, sobre o testemunho, o trauma, a memória e a banalidade do mal.